



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO



UFOP
Universidade Federal
de Ouro Preto

ANNA BEATRIZ FREITAS MILLARD

DO VAPOR À NOVA TRILHA: A OBRA DE DON L E O REALISMO
CAPITALISTA

Monografia

Mariana

2025

ANNA BEATRIZ FREITAS MILLARD

DO VAPOR À NOVA TRILHA: A OBRA DE DON L E O REALISMO CAPITALISTA

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Rodrigues Coração

Mariana

2025

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

M645d Millard, Anna Beatriz Freitas.

Do vapor à nova trilha [manuscrito]: a obra de Don L e o realismo capitalista. / Anna Beatriz Freitas Millard. - 2025.

41 f.: il.: color..

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Coração.

Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Don L (Rapper). 2. Rancière, Jacques, 1940-. 3. Capitalismo - Aspectos sociais. 4. Cultura política. 5. Rap (Música). I. Coração, Cláudio. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 330.342.14

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa - Bibliotecário Coordenador
CBICSA/SISBIN/UFOP-CRB6a1407



FOLHA DE APROVAÇÃO

Anna Beatriz Freitas Millard

Do Vapor À Nova Trilha: A Obra De Don L E O Realismo Capitalista

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo

Aprovada em 11 de abril de 2025

Membros da banca

Pro. Dr. Cláudio Rodrigues Coração - Orientador(a) (Universidade Federal de Ouro Preto)
Prof. Pedro Antun Lavigne de Lemos - (Universidade Federal de Ouro Preto)
Prof. Matheus Santiago Moreira - (Universidade Federal de Ouro Preto)

Cláudio Rodrigues Coração, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 24/4/2025



Documento assinado eletronicamente por **Claudio Rodrigues Coracao, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 24/04/2025, às 10:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0900015** e o código CRC **6D3AB862**.

Voltei para mim e lembrei do momento em que estar onde estou já foi um sonho. Eu gostaria de dedicar este trabalho ao meu pai, Maurinho, que fez tudo o que pôde para que eu pudesse viver o que estou vivendo agora. À minha mãe, Bárbara, que me inspirou a ser resiliente e acreditar no meu destino. Aos meus irmãos Pedro, Déborah, Arthur e Laura, por serem a minha inesgotável fonte de força, quero poder fazer por vocês pelo menos metade do que fizeram por mim. Isso já fará com que eu me sinta completa. Ao meu primeiro e único amor, Arthur, que chegou para completar um espaço que estive o esperando por muito tempo dentro do meu coração. À Universidade Federal de Ouro Preto, em especial o meu orientador e professor para a vida, Cláudio Coração. À República Koxixo, por ser minha família no momento onde a fraternidade faz toda a diferença. É a volta da vitória, eu sabia que viria o dia!

“A única luta que se perde é aquela que se abandona.”

Carlos Marighella

Resumo

A música representa um papel essencial na formação do indivíduo e da nossa sociedade. Quando pensamos no conceito de ideologia proposto por Marx e Engels e a consequência da influência dela na cultura, podemos questionar a dificuldade de disseminação democratizada de algumas vertentes da/cultura. O rap, gênero musical popularizado nos bairros mais periféricos dos Estados Unidos, foi levado até lá por jamaicanos nos anos 1960 e trazia letras que compartilhavam assuntos pouco abordados musicalmente, como a violência, criminalidade, sexo e drogas. No Brasil, nos anos 1980, continuava com a proposta da partilha do que é a vivência periférica. Em ambos os cenários, o gênero sofria de uma marginalização que dificultava sua popularização midiática. Ainda hoje, produtos culturais que refletem a realidade de uma forma mais crítica possuem essa mesma dificuldade de distribuição. O mesmo acontece com produtos que inspiram as possibilidades de superação dessas crises sociais e, para além disso, despertam a percepção de que talvez essas crises sejam projetadas e o fato da sua disseminação enfrentar problemas também. Ainda assim, existem autores, artistas e veículos que propõem um contraponto, ou mesmo a solução, desses problemas: A ideologia burguesa e o Realismo Capitalista. Descrever a nossa realidade e imaginar um mundo novo são ferramentas muito importantes para a compreensão e despertar social, e a música pode ser uma grande aliada para que essas questões sejam acessadas e discutidas principalmente entre a classe trabalhadora. Para exemplificar tais reflexões teóricas, este trabalho utilizará como objeto principal a trajetória artística e midiática do rapper Don L e a sua contribuição musical para a história do gênero em território nacional, na perspectiva da superação do Realismo Capitalista e as consequências do controle de mídia da burguesia, considerando como, apesar de tudo, ainda há grande influência na formação do pensamento crítico e despertar político de seus consumidores por meio principalmente da partilha do sensível.

Palavras chaves: Don L; Política; Rap; Partilha do sensível; Realismo Capitalista.

Abstract

Music plays an essential role in shaping the individual and our society as a whole. When we think about the concept of ideology proposed by Marx and Engels and the consequence of its influence on culture, we can question the difficulty of democratized dissemination of some aspects of culture. Rap, a musical genre popularized in the most peripheral neighborhoods of the United States, was taken there by Jamaicans in the 60s and featured lyrics that shared subjects that were somewhat musically involved, such as violence, crime, sex and drugs. In Brazil, in the 1980s, the proposal of sharing peripheral experiences continued. In both scenarios, the genre suffered from marginalization that hindered its media popularization. To this day, cultural products that reflect reality in a more critical way have this same distribution difficulty. The same happens with products that inspire the possibilities of overcoming these social crises and, in addition, awaken the perception that perhaps these crises are designed and the fact that their propagation faces problems as well. Still, there are authors, artists and vehicles that propose a counterpoint or even a solution to these two problems: Bourgeois ideology and Capitalist Realism. Describing our reality and imagining a new world are very important tools for understanding and social awakening, and music can be a great ally for these issues to be addressed and discussed, especially among the working class. To exemplify such theories, this work will use as its object the artistic trajectory of the rapper Don L and his musical contribution to the history of the genre in national territory from the perspective of overcoming Capitalist Realism and the consequences of bourgeoisie media control, considering how despite everything even so, there is a great influence on the formation of critical thinking and the political awakening of its consumers through the sharing of the sensitive.

Keywords: Don L; Policy; Rap music; Sharing of the sensitive; Realism Capitalism.

Lista de Figuras

Figura 1- Capa do álbum Roteiro Pra Ainouz vol. 3 (2017)	13
Figura 2- Cena do filme Carlito 's Way (1993)	22
Figura 3- Cena do filme Terra Estrangeira (1995)	25
Figura 4- Capa do Single “Lili” (2023)	35

Sumário

Introdução – Pânico de Nada!	11
1. Fazia sentido?	13
1.1 Antes da Lavigne pensar em “gadulizar” uns MC’s	14
1.2 Ler o título não é ler o livro	17
2. Mas é também o momento de luta para todo lado	19
2.1 Sou muito mais guerrilheiro que MC	20
2.2 Partilha do sensível	22
3. Uma frase muda o fim do filme.	25
3.1 Volto porque te amo	27
3.2 Trilha Pra uma Nova Trilha	29
3.3 A primavera	31
Epílogo: Lili e o Sonho de Liberdade	35
Referências	39

Introdução – Pânico de Nada!

É mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo. Esse slogan captura precisamente o que quero dizer por ‘realismo capitalista’: o sentimento disseminado de que o capitalismo é o único sistema político e econômico viável, sendo impossível imaginar uma alternativa a ele

Mark Fisher

Precisamos imaginar uma alternativa. Precisamos imaginar um mundo onde se entenda que todos somos feitos do mesmo material e, conseqüentemente, todos nós sangramos. Nós precisamos superar o pânico.

O Expresso do Amanhã, filme de 2013, dirigido por Bong Joon-ho (sim, o mesmo de Parasita), nos apresenta uma ideia “distópica” pós-apocalíptica que separa as pessoas entre os vagões se baseando na condição social delas. Digo distópica entre aspas porque tecnicamente esse termo se refere a um estado imaginário, mas considerando a forma como essa ideia se constroi, já a vi anteriormente, e não foi em minha imaginação. Bong joon-ho nos propõe na obra (assim como em Parasita) um cenário de superação do realismo capitalista do qual Mark Fisher se refere no trecho destacado acima.

No filme, os vagões mais atrás trazem os sobreviventes que representam a classe operária, os pobres. Os vagões mais à frente trazem a burguesia, os ricos que tiveram poder aquisitivo para se beneficiar até o fim do mundo. Minha mãe costuma dizer que quem chega primeiro bebe água limpa. Nesse caso, não só a água, mas também a comida, o conhecimento, a cultura, tudo é de melhor qualidade nos vagões da frente. É evidente e ainda sim genial como o filme reflete minuciosamente uma metáfora da estrutura da nossa sociedade. Não é só neste trem que as coisas funcionam nesse formato.

No entanto, há uma diferença. No longa, a superação do realismo capitalista vem quando os passageiros nos últimos vagões entendem a problemática dessa estrutura. É aí que se revoltam e decidem por ocupar, ou melhor, erradicar a existência dos vagões mais beneficiados. Pânico de nada. A burguesia nos vagões à frente é feita do mesmo material que os trabalhadores nos vagões de trás. Eles também sangram.

Roteiro Pra Aïnouz, Vol 2, faixa 4, Pânico de Nada. O rapper Don L narra na canção um cenário revolucionário. E se fizéssemos como os passageiros nos vagões de trás? Desde a posição estratégica dos sujeitos na música até as armas utilizadas - os revolucionários que influenciaram a

revolta - é explícita a proposta da superação do realismo capitalista, nos termos de Fisher, não só nesta faixa mas em toda a discografia do rapper.

Sendo assim, se Bong Joon-ho, Don L e outros produtores de cultura ou pensadores já imaginaram uma alternativa ao realismo capitalista, isto é, como seria se não imaginássemos o fim do mundo, mas sim o fim do que pode causá-lo, por que ainda não é um pensamento amplamente disseminado?

“Ocultamento da realidade social” é como Marilena Chaui define a ideologia. É por causa da ideologia que a arte e a crítica de Don L, ou os outros citados anteriormente, não são democraticamente distribuídas. Por que quem detém o controle da mídia e define o que se populariza, ou não, permitiria que algo que condena justamente o que é causado por eles alcançasse os ouvidos do povo? Em suma: Por que a ideologia burguesa facilitaria os meios de um artista que canta sobre o fim da burguesia, ou melhor, do sistema que constroi essa parcela da sociedade?

A arte, a cultura, o cinema, a música, são ferramentas essenciais para a disseminação de ideias. Assim, se as letras de Don L ou os filmes de Bong Joon-ho se tornam populares, suas ideias também se tornam e a consequência disso seria seus consumidores entendendo, imaginando e, talvez, reproduzindo a superação do realismo capitalista. Todos entenderiam que somos feitos do mesmo material. Entenderiam que todos sangramos.

Este trabalho pretende firmar a importância da arte, mais especificamente da música, como uma ferramenta política capaz de contribuir diretamente para a compreensão estrutural da nossa sociedade em diversos âmbitos, utilizando a produção midiática do artista cearense Don L como base para entendimento destes e outros conceitos e contextos.

Iniciaremos este trabalho analisando a trajetória do surgimento do gênero musical rap em nosso território. Depois contextualizaremos a carreira do nosso objeto, Don L e o cenário contemporâneo do gênero. Após isso, a reflexão acerca do conceito de Partilha do Sensível com mais referências midiáticas, sempre com a ligação ao objeto. Por fim, um epílogo um tanto quanto pessoal sobre todos os questionamentos e discussões levantados durante o trabalho.

A música será meus olhos para que eu enxergue melhor o mundo ao meu redor.

1. Fazia sentido?

Figura 1: Capa do álbum Roteiro Pra Ainouz vol. 3 (2017)



Fonte: Monkeybuzz, 2017.

Popularizado na década de 1980 no Brasil, o rap veio como uma manifestação artística que representava a vivência nas periferias e favelas do país. “*Passageiro do Brasil, São Paulo, agonia.*” São Paulo fez-se berço para o gênero musical em nosso território, e foi lá, nos anos 1990 que Edi Rock, Mano Brown, Ice Blue e KL Jay formaram o grupo Racionais Mc's, uns dos precursores do rap brasileiro.

“*Negro Drama*”, do álbum *Nada Como um Dia Após o Outro Dia* (2002) narra a trajetória de um eu lírico com a realidade de muitos jovens negros de origem periférica. Foi a primeira música dos Racionais que me lembro de ter decorado. Aquele verso, “*Me ver pobre, preso ou morto já é cultural*”, do Edi Rock, me fez refletir muito sobre a direção na qual o rap se manifestou no Brasil. As letras densas, com detalhes vívidos do cotidiano dentro da favela, onde a violência e a criminalidade fazem parte do dia a dia.

A população das grandes cidades se divide entre um “centro” e uma “periferia”. O termo periferia sendo usado não apenas no sentido espacial-geográfico, mas social, designando bairros afastados nos quais estão ausentes todos os serviços básicos (luz, água, esgoto, calçamento, transporte, escola, posto de atendimento médico), situação, aliás, encontrada no “centro”, isto é, nos bolsões de pobreza, as favelas. (Chauí, 2000, p. 58)

Foi nessa capacidade de descrever a vida através da letra e melodia que enxerguei na música o papel de ferramenta para a compreensão da realidade, que mesmo sendo a de muitas pessoas, não possui o espaço midiático para ser disseminado.

Ainda hoje, o rap possui uma visibilidade e alcance limitado no Brasil, principalmente por causa da marginalização do gênero em seu início. “A vida na periferia impõe uma existência marcada pela rotina, com graves limitações às atividades de lazer, seja pelas precárias condições de infraestrutura das cidades, seja em virtude da falta de dinheiro” (Abramovay, 2002, p.49). Dessa forma,

tratando-se de uma linguagem claramente crítica às condições de vida dentro da periferia, inicia-se o questionamento sobre a razão da marginalização do gênero e a dificuldade de disseminação fora desse ambiente. “Gênero é (...) um modo de definição da música em relação ao mercado, do potencial mercadológico presente na música” (Frith, 1998, p.76). Sendo assim, o que seria então o potencial mercadológico do rap, e a partir de que ponto isso implicaria em sua disseminação ou falta dela?

Considerando os fatores indicados em relação ao início do gênero musical em nosso território, podemos pensar que por ser um tipo de música que trata de assuntos com pouco potencial mercadológico, ou seja, pouco rentável para a mídia hegemônica, o rap se tornou marginalizado e conseqüentemente pouco distribuído por isso. Mas existem outras razões além desta.

1.1 – Antes da Lavigne pensar em “gadulizar” uns MC’s:

Gabriel Linhares Rocha, mais conhecido como Don L, o Seu Chapa, iniciou sua carreira no grupo Costa a Costa, que formou juntamente com Nego Gallo em 2005. “Dinheiro, Sexo, Drogas e Violência de Costa a Costa” é o nome da mixtape lançada em 2007 pelo grupo e descrita pelo antropólogo Hermano Vianna como “Um Sobrevivendo no Inferno traduzido para o século XXI”. Ouvi pela primeira vez depois de muito tempo já consumindo o som do Don e lembro-me de ficar arrepiada com toda referência que eu pegava.

Foi como coletar *easter eggs* de um jogo, ou ganhar um presente de natal na infância. Senti-me honrada em poder consumir algo tão precioso. Já na primeira track, o verso “[...] *Eles estão dizendo que você está errado, não come partido, fala pra eles sobre o que é esse bagulho, cumpadi*”. No primeiro minuto da música já percebi que, mesmo 15 anos depois, Don não havia abandonado suas origens tanto artísticas quanto regionais. Na verdade, eu sabia disso antes, mas ainda assim por não ser algo tão comum me admirei. Isso porque eu nunca tinha ouvido o termo “comer partido” até ouvir a segunda música do Roteiro Pra Ainouz Vol.3, “Fazia Sentido” de 2017. Nesta, Don recapitula sua caminhada no rap e relembra a vez que recebeu o prêmio Hutúz de melhor grupo norte-nordeste. “*Eu tô nesse jogo por um bom tempo; E eu nem gravei um disco; Eu lembro do Caetano me entregar um prêmio; De melhor do nordeste; O que diz sobre isso; Porque não tinha uma categoria pro sul; Então era tipo; Esmola pra segunda divisão, tru; Mas eu nunca comi partido*”

Ouvindo esta em meados de 2022, quando comecei a consumir bastante do rapper, não sabia da história do prêmio ou o que era “comer partido”, mas tinha algo que me fazia entender de imediato o objetivo do que estava sendo dito. Emicida disse em “Principia” que o sorriso é a única língua que

todos entendem. Eu até concordo, mas acho que existe outra coisa que somos capazes de entender independente do idioma: a raiva. São dez anos separando os dois versos citados, e é como se ouvíssemos músicas diferentes no mesmo álbum, isto da melhor forma possível, já que se percebe a fidelidade aos princípios e ideais pré estabelecidos desde o início de sua carreira e, para além disso, a sua própria vivência, das mais bem sucedidas às mais frustrantes, como receber um prêmio numa subcategoria que serve quase que como uma medalha de honra por participação.

Porque não tinha uma categoria pro sul? *Nordeste, Nordeste, Nordeste, não teste*. Me lembro de Sulicídio. O feat de Baco Exú do Blues e Diomedes Chinaski lançado em 2016 é considerado uma das *diss* mais importantes do cenário do rap nacional. Baco é baiano e Diomedes pernambucano. Esse é outro som que condena a concentração de promoção de mídia no território sul e sudeste, e para que a crítica seja bem inclinada há uma estratégia. Em uma entrevista no Youtube ao canal Ol' Darth Bástarde. na época do lançamento, Baco disse: “Para você atingir os crentes é preciso acertar os deuses deles“. Sendo assim, Baco utiliza de artistas mainstream do eixo Rio-SP para provar seus pontos. Em um dos trechos da música, ele direciona uma alfinetada ao rapper Filipe Ret: “*Ret arrotou, Don L matou*”, fazendo referência ao feat de Don e Ret com o MC Funkero, “Espírito Vândalo”. Aqui as coisas esquentam. A canção referida se tornou símbolo de uma treta massiva. Isso porque Don no seu verso faz uma crítica direta ao verso do Ret, feito minutos antes na mesma track: “*Ret é foda; Ret é pica; Elogios não me iludem, eu só vivo minha vida; Hoje eu como umas mina, tipo Anitta; Peraí, peraí, será que ela era a Anitta?*”. E um minuto e trinta segundos depois, Don diz: “*Memo papo Fuma um é revolucionário; Só fala sobre mina, há; Na moral, cês come ninguém; Ou come pra carai, mas nenhuma bem*”.

A referência é muito clara, mas possui outros detalhes menos específicos que estão criticando não só nos versos, mas em todas as músicas que se baseiam nas falas como as de Ret, e têm um espaço e credibilidade na cena do hip hop com muito mais alcance que outros. É exatamente sobre isso que Baco falou em Sulicídio. “*Eu faço com amor, eles com o google*” é outro verso do Don em “Espírito Vândalo”. A crítica vem tanto na canção de Baco e Diomedes quanto na canção do Costa a Costa e também em “Fazia Sentido”: A centralização no eixo Rio-SP da música, mais especificamente o hip hop, com letras que pouco trazem do conteúdo que originou o movimento, que é a crítica social que condena as condições de vida nas periferias, ou, generalizando, o sistema. O que é louco, quando a gente lembra que o berço do hip-hop no Brasil é o Capão Redondo e a cidade de São Paulo. (O que mudou de lá para cá?) Sulicídio e Espírito Vândalo foram lançadas em 2016, e lembram que eu comentei como o fato de Don permanecer com o mesmo som politizado e crítico desde antes de sua carreira solo me arrepiava? Bom, infelizmente não posso dizer o mesmo de Baco.

Foquemos no Kanye West da Bahia agora. Lembro que em 2018 quando ele lançou o álbum Bluesman e um curta com o mesmo nome, paguei pau. Nossa, precisei mostrar para todo mundo. Meu irmão mais velho é a minha maior referência de cultura na vida. De Racionais MC's até Sonic

Youth, se eu gosto (e eu não apenas gosto, eu vivo) de música é por causa dele. E lá vai eu, com 16 anos, retribuir um pouco dessa influência apresentando algo que descobri por conta própria, e, nesse caso, Bluesman. Ele amou! Achou o curta lindo, as músicas bem produzidas e as letras interessantes.

Poxa, é cada som denso, bem construído, bem escrito. Foi o meu primeiro contato com o rapper para além do hit “Te Amo Desgraça” e eu não podia ter tido uma experiência melhor. Porém, dentro do sistema econômico que vivemos, a indústria muda o tempo todo, inclusive a musical. “[...] o capitalismo traz consigo uma dessacralização massiva da cultura” (Fisher, 2009, p.8), isto é, desmistificar, ou melhor, “remover o divino” da cultura. Há algo muito subjetivo em todas as formas de arte, e propor fórmulas estruturais para que a arte se torne algo vendável fere essa subjetividade. Obviamente o capitalismo não se importa com isso.

Recentemente, a Ebony lançou uma *diss* absurda condenando a indústria musical e sua visibilidade centralizada em artistas masculinos no cenário do rap, e o Baco foi um dos alvos. “*Soube que o Baco disse que eu sou superestimada por ser sudestina; Mas me botou nos melhores pra eu ver a rotina; No início, achei que era onda; Ai ele foi e fez um feat com a Luísa Sonza; Porra, vida, por favor, se manca, sustenta tua banca; Eu nem sou tua namorada e me trocou por branca*”.

Dentre as diversas canetadas, e as referências principalmente no trecho, destaca-se o fato de ela ter comentado sobre o feat de Baco e Luísa Sonza, cantora que é frequentemente criticada por sua contribuição na indústria musical e pelo seu envolvimento em uma polêmica em que foi acusada e condenada por racismo. Considerando o início da trajetória profissional de Baco e a obra que já citei anteriormente, o Bluesman, a Anna Millard de 2018 não imaginaria um feat dele com uma artista que possui envolvimento com esse tipo de polêmica. Isso não vem de um julgamento moralista, apenas considerando os fatos que sabemos sobre esse evento, e as letras tão críticas do rapper, me parece que a *diss* de Ebony tem embasamentos concretos, mais ainda quando pensamos que, para além da trajetória de Baco, todo o contexto sociopolítico que o Rap representa aponta:

Ainda estimula o conhecimento da história do povo negro e seus líderes, que ganham importância dentro da cultura. Incentiva a afirmação de sua identidade negra e consegue atingir um senso crítico para reivindicação por direitos sociais, econômicos, culturais e a luta por melhores condições para sobreviver. É uma possibilidade de se tornarem protagonistas de seus destinos. Os elementos da cultura hip hop como o break, graffiti e o rap podem facilitar o ensino para essa juventude. (Guilherme, 2008, p.20)

Sendo assim, por que então agora encontramos Baco como alvo de críticas sobre seus feats e letras?

Não estamos lidando agora, como antes, com a incorporação de materiais dotados de potencial subversivo, mas sim com sua ‘precorporação’: a formatação e a moldagem prévia dos desejos, aspirações e esperanças pela cultura capitalista. [...] ser bem-sucedido quer dizer apenas que você é a “carne nova do pedaço” – e logo, logo, vai ser devorado pelo sistema. (Fisher, 2009, p.12)

Assim, Baco, por mais que já tenha condenado exatamente essa situação, tornou-se exemplo (ou talvez vítima) do que a ideologia burguesa faz com a cultura. Para exemplificar uma situação

parecida, Mark Fisher utiliza o Kurt Cobain. “Cobain sabia que ele era apenas mais uma peça do espetáculo, que nada funcionava melhor na mtv do que um protesto contra a mtv; sabia que cada gesto seu era um clichê, previamente roteirizado, e sabia que até mesmo saber disso era um clichê.” (FISHER, 2009, p.12). Isso é a dessacralização da cultura. Mesmo sua forma subversiva pode ser planejada pela indústria, isso é ideologia, isso é tirar o divino da arte. Foi assim que senti a diferença que citei antes. Um artista com um discurso tão forte, politizado, que já cantou que “*Cês fazem rap para comer fã; Meu rap é agressivo*” hoje em dia canta sobre hotéis caros e sambas em Paris. Não que seja um problema específico do artista. Não é nem um problema dele, e sim do sistema. “Para boa parte do hip hop, qualquer esperança ‘ingênua’ de que a cultura jovem ainda seria capaz de mudar alguma coisa cedeu lugar à adesão incondicional a uma versão brutalmente redutora da ‘realidade’” (Fisher, 2009, p.12). Dessacralização, essa palavra era nova para mim até ler Fisher, e significou tudo. Para alguém que respira música como eu, é exatamente a sensação de remover o sagrado, profanar a arte. De novo, sem moralismos, é coisa de coração e sensação, é triste ver tanto potencial “desperdiçado”.

1.2 - Ler o título não é ler o livro

Quando Baco, ou Don, ou qualquer outro artista canta sobre a vivência, o público alvo, apesar de que haja a necessidade social de que atinja toda e qualquer pessoa, são inicialmente pessoas que vivem a realidade na periferia.

“As formas de ações individuais e coletivas têm início a partir de um sentimento de pertencimento, de identidade coletiva, que é motivado por sentimentos de solidariedade e de identificação com interesses comuns, associados às crenças e valores da comunidade” (Sandoval, 2001).

Isso implica diretamente no que se apresenta como a proposta principal do hip hop e do rap em si, compartilhar as vivências de uma realidade com muitos obstáculos que são causados justamente por um sistema que condena sua própria denúncia, ou seja, a queixa ao projeto político que define as vivências difíceis dentro das favelas e comunidades pobres.

‘Real’ também significa que a música reflete a ‘realidade’ constituída pela instabilidade econômica do capitalismo tardio, da institucionalização do racismo, da vigilância crescente e do assédio da juventude pela polícia. ‘Real’ significa a morte do social: significa corporações cujos lucros crescentes não refletem em aumentos de salário ou melhorias nos benefícios, mas em *downsizing* (a demissão da força de trabalho permanente para a criação de uma massa flutuante de trabalhadores contratados em regimes de meio-expediente e ‘freelas’ que não gozam de benefício ou segurança alguma no emprego). (FISHER, 2009, p.13)

Quando Fisher traz essa definição de realidade, que é o que entendemos como o objetivo

retratado nas letras originais do rap, temos uma parcela de noção da importância de que haja a disseminação delas dentre a classe trabalhadora, e como eu disse anteriormente, nas periferias, onde está, em essência, essa classe.

O papel desses artistas, então, pode servir para nortear a população pobre para compreensão da sua própria realidade. “Podem ser muitas vezes vistos como ‘heróis’ por jovens de comunidades carentes. Eles compartilham da mesma realidade e o cantor pode ser considerado como um vencedor na vida por não ter optado por caminhos como a criminalidade por exemplo” (GUILHERME, 2008, p.23). A esperança de viver outra vida, mesmo que na mesma, representa o sonho de muitas crianças e adolescentes que buscam oportunidades melhores, e a música, além do papel norteador, pode vir a ser justamente a dose de esperança necessária para acreditar na criação de um mundo novo, mesmo que na maioria das vezes esse pensamento não venha a ser coletivizado.

“Quem é o prisioneiro que se liberta e sai da caverna? O filósofo. O que é a luz exterior do sol? A luz da verdade. O que é o mundo exterior? O mundo das ideias verdadeiras ou da verdadeira realidade. Qual o instrumento que liberta o filósofo e com o qual ele deseja libertar os outros prisioneiros? A dialética. O que é a visão do mundo real iluminado? A Filosofia.” (Chauí, 2004, p.47).

Há a possibilidade, então, de o artista, assim como um filósofo, ser um detentor do poder através da dialética para libertação de seu consumidor, ouvinte e similares? Um artista é um filósofo contemporâneo, nesse sentido, e a capacidade de transmitir um pensamento através da sua arte é uma ferramenta essencial para a disseminação de uma ideia, principalmente quando ela se mostra transformadora.

Filosofia era a minha matéria favorita na escola, até cheguei a cogitar estudar na faculdade, mas como todo parente preocupado com minha estabilidade financeira (isso para não ser mais radical e falar sobre a rendição ao capitalismo) minha mãe me pediu para escolher algo mais rentável. Eu nunca deixei de gostar de filosofia, e, bom, vê-la em tudo, afinal ela é tudo. Lembro do meu professor de filosofia no ensino médio falar na primeira aula que a filosofia não servia para nada, a não ser nos fazer ter dor de cabeça de tanto pensar, e isso para mim era tudo. Hoje, depois de mais ou menos sete anos desde a minha primeira aula de filosofia, perceber como ela continua atrelada ao que eu gosto de falar e de pensar é fascinante.

Quando eu falei sobre a mudança da estética lírica do Baco, tinha filosofia envolvida.

2. Mas é também o momento de luta para todo lado.

Eu vejo uma viatura em chamas (luta pra todo lado)

(Primeiro passo, diga, primeiro passo)

Quatro favelados na Ferrari

Um irmão de glock na capota

Quadrada na mão de todo bonde

(A cidade, olha a altura dos muros)

A cidade é nossa

A cidade é nossa

(Bora!)

Pânico de Nada - Don L.

Começa dessa forma a música que eu já citei algumas vezes neste trabalho. Eu consigo enxergar, é quase como uma descrição de imagem para cegos, sabe? E no fim, é meio que isso mesmo, só que ao invés de fisicamente cegos, estamos blindados por uma cortina de fumaça ciclópica que chamamos de capitalismo.

“O realismo capitalista, como o entendo, não pode ser confinado à arte ou à maneira quase propagandística pela qual a publicidade funciona. Trata-se mais de uma atmosfera penetrante, que condiciona não apenas a produção da cultura, mas também a regulação do trabalho e da educação – agindo como uma espécie de barreira invisível, limitando o pensamento e a ação.” (Fisher, 2009, p.33).

Como é possível, então, que Don L narre essa trajetória revolucionária se ele como qualquer um está imerso no domo invisível do Realismo Capitalista? É que como diria qualquer professor de ciências biológicas do ensino médio, parafraseando Lavoisier, “Na natureza, nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”. O rapper favorito do seu rapper favorito já teve um rapper favorito e até hoje possui suas próprias referências. “Tanto em termos individuais como coletivos, para você pensar no futuro você tem que saber de onde você vem.”, disse Don L, em entrevista para Livia Nolla, no programa Vitrine Novabrazil em abril de 2023. Manter o compromisso com a suas origens e referências é algo que o rapper inegavelmente põe em prática, além de incentivar. Não é à toa que, como eu disse anteriormente, e ignorando a parte estética, a essência do som dele se mantém a mesma, independentemente de quanto tempo passe, os mesmos problemas e reivindicações permeiam sua lírica. Ele mantém a fidelidade ao que lhe trouxe o que há hoje e a quem ele era. Talvez ele saiba que no fundo não há o que mudar se você conquistou, mas o resto do mundo não.

São muitos com uma história parecida com a dele, mas não são todos que prosperam, e é sobre isso que ele canta. É sobre isso que alguém falou ou cantou para ele antes, e foi isso que o fez querer romper os limites da barreira invisível do capitalismo.

2.1 Sou muito mais guerrilheiro que MC.

Meus irmão num fecharam o secundário

Deixaram de ser réu primário e já eram pais

Ou tiveram que segurar um barraco e já era a paz

Um a um ficaram pra trás

Eu segui a estrada

Como um sobrevivente de guerra

Ou de guerras

Eu quero aquela fé sem miséria

Aquela Fé - Don L e Nego Gallo.

Em uma entrevista dada ao canal “Diário do Nordeste”, em agosto de 2024, Don L afirmou o seguinte: “Tinha uma responsabilidade muito grande envolvida com fazer rap. A gente vem de um movimento que era muito levado a sério. Você tem a responsabilidade de dialogar com as pessoas e colocar uma letra que vá servir para o crescimento daqueles que estão te ouvindo e eu levei isso muito ao pé da letra”. Acredito que uma palavra que me remete diretamente ao rapper é o compromisso. Engraçado pensar isso pois recentemente ele se envolveu numa pequena polêmica ao se comparar com o icônico Sabotage, o criador da frase “O Rap é compromisso”, dizendo que era o melhor da cena desde ele. O jornalista João Medeiros, acerca dessa discussão gerada pela afirmação do rapper, trouxe um ponto muito importante a ser considerado : “Don L, hoje, está na discussão de melhores MC’s do Brasil com BK’, Djonga; quem você quiser colocar... Mas já estive na época de Kamau, um pouco depois do Black Alien, e com Emicida”. O que nos faz retornar ao início dessa linha de raciocínio, com a questão do compromisso, pois, em todas essas linhas temporais nas quais ele disputava o título de melhor, nunca deixou de falar e protestar.

“Sou muito mais guerrilheiro que MC” então passa a fazer muito mais sentido. É como ele já havia dito antes, lá em 2013, na que eu acredito ser sua melhor track de todas, “No Melhor Estilo”: “*De onde eu vim cena do rap é a cena crime*”. “Eu sou artista, não nego isso, e minhas ambições são de grande porte, mas ela é indissociável desse bagulho de guerrilha. [...] A gente tinha essa sede de fazer o bagulho artístico, mas eu não tive tempo, por exemplo, para me preparar como MC, tá ligado? Isso me torna um artista guerrilheiro”, ele afirmou uma vez numa entrevista na época do lançamento do RPA2,

ao jornalista antes citado, João Medeiros. É mais que óbvio que a sua experiência que o faz escrever sobre a vida real não é pura imaginação ou lírica. O personagem guerrilheiro não é um personagem, é ele.

Na mesma entrevista, Don dá um show de repertório sociocultural. Sério, é como se ele já tivesse pensado em tudo. Ou vivido tudo. Em um ponto, João pergunta sobre as referências do rapper, e sobre a discussão de juventude, de rapper ser som para jovem. “O Hip Hop é uma fonte da juventude. [...] É sobre não deixar envelhecer as ideias. Tem aquela frase falsa de que não existe comunista velho, ou aqueles jargões de ‘isso é coisa de DCE’, ter a ambição de um mundo novo. Tento quebrar esses paradigmas e me manter o fresh do fresh do bagulho”. Ambição de um mundo novo. Às vezes eu temo isso que ele falou. Eu já fui do DCE, e ouvia muito isso de que quando eu crescesse essa fase ia passar. Mas é o seguinte, antes de eu ler Marx ou saber da existência do Fisher, já ficava indignada com o fato de o meu pai ter trabalhado 45 anos na mesma empresa e no momento que mais poderia precisar do plano de saúde (já que é bem nesse momento que se atinge a fase em que todas as palavras com os sufixos “ites” e “ismos” se tornam cotidianas), ele perdeu, esse que é, entre mil aspas “benefício” (no capitalismo a gente tem mania de definir direitos básicos como privilégios né?) como se não tivesse tido inúmeros acidentes de trabalho durante esses anos. Inclusive, quase que ele não consegue contar todos os acidentes nos dedos das mãos, pois num deles ele quase fica sem o indicador. Eu estava no início do ensino médio quando perdemos o plano de saúde, e também a bolsa na escola, que oferecia desconto para trabalhadores da indústria. 45 anos não foram suficientes de contribuição para garantir que o ciclo de trabalhadores da indústria da família não se repetisse. Nada contra ser trabalhador da indústria, é claro, mas que pai não sonha que seu filho tenha um diploma de ensino superior, ao invés de se tornar mais uma mão de obra imediata após a escola, entende? Meu pai queria que eu pudesse pagar a escola dos meus filhos sem depender das condições de desconto impostas externamente, considerando todas as mazelas que permeiam a educação dentro do sistema capitalista onde normalizamos mercantilizar outro direito básico, que é a escola. Eu já sentia um ódio disso. Um ódio pelo fato de que meu pai teria que disputar um processo contra uma empresa gigante, para conseguir uma mixaria que ainda teria que ser dividida com o advogado trabalhista.

Agora, que fui parte do DCE, ou tive um despertar sobre a situação do meu pai (que não é muito diferente da história do pai da maioria dos meus amigos), que comecei a vender a minha mão de obra, e tive o desprazer de descobrir o que é passar o final de ano longe da família, e vi colegas evadindo a faculdade por dificuldades de conciliar o trabalho e o curso, percebo que o mesmo ódio que eu sentia em 2017 pela empresa que meu pai trabalhava é causado por uma coisa muito maior, e não importa o tempo que passe eu sempre vou sentir esse ódio, frustração e impotência. Esse é o mesmo ódio que o guerrilheiro MC traz nas suas canções. E a utopia dentro da distopia que ele canta, é o que precisamos para dar o primeiro passo longe do ódio. Ou seria o ódio a solução para superar o ódio?

2.2 Partilha do sensível.

*Cinco tiros e minha boca se encheu de sangue
Lembrei sua boca e meus olhos se encheram d'água
Queria a chance de poder te dar de tudo
Mas minha sede por poder nos deixou sem nada*

Poder pt. 2 - FBC

Figura 2: Carlito's Way (1993)



Fonte: Google Images

Esses dias assisti ao Carlito's Way de novo. O filme de 1993 é dirigido por Brian de Palma. Ele conta a história do Carlito Brigante, um ex-trafficante porto-riquenho que acabou de sair da prisão. *Um homem na estrada recomeça a sua vida*: Carlito quer refazer sua vida de forma honesta ao lado de um antigo amor, Gail, no Caribe. Mas a vida do crime continua o puxando de volta. É como se o outro lado do tráfico também causasse dependência. Quando eu assisti esse pela primeira vez o meu irmão falou sobre “Um Homem Na Estrada” dos Racionais, mas a minha referência imediata foi "Poder pt. 2" do FBC. Inclusive, dessa última vez que assisti, a primeira cena, os olhos de Al Pacino contemplando o seu sonho, que agora estava ainda mais distante, cheios d'água. Não me lembrava de quão nítida era a semelhança com a canção.

“Denomino partilha do sensível o sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um comum e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas.” (Ranciére, 2000, p.15). Carlito's way, Um Homem na Estrada ou Poder pt.2, partem de um ponto em comum: A necessidade de deixar para trás uma vida de crime aliada à esperança de viver um mundo novo.

Basicamente, a partilha do sensível refere-se à maneira como a percepção da realidade é distribuída em uma sociedade, determinando quem pode ver, ouvir, falar e agir dentro de um determinado contexto político e estético. Isso nos leva a outros questionamentos. A forma como eu absorvo o filme, ou as músicas, se difere completamente da forma como alguém que já viveu situações parecidas com as citadas nesses conteúdos, ou que convive com pessoas que já viveram. Assim como eu tive uma referência, e o meu irmão teve outra, que nesse caso pode se dar pela questão geracional, já que o meu irmão é de 1985 e eu de 2002, vários fatores podem influenciar na forma como um signo se apresenta para os sujeitos.

“Os modos de subjetivação sofrem as mais variadas transformações. Nessa perspectiva, interessado em compreender a problemática da produção do sujeito nos dias atuais, Foucault comenta as lutas políticas que se fazem necessárias em nosso tempo. São lutas (. . .) contra as formas de dominação (étnica, social e religiosa); contra as formas de exploração que separam os indivíduos daquilo que eles produzem; ou contra aquilo que liga o indivíduo a si mesmo e o submete, deste modo, aos outros (lutas contra a sujeição, contra as formas de subjetivação e submissão). (Foucault, 1995, p. 235).

Considerando as lutas e contextos, e a forma como cada um está em uma jornada de luta diferente, é inegável a importância da música, ou do cinema, como formas de compartilhar signos e gerar diferentes significados para os mesmos. “Não se pode jamais esquecer que nosso próprio pensamento é levado adiante como um diálogo, e, embora em um grau menor, está sujeito praticamente a toda imperfeição da linguagem” (Silveira, 2001, p.79).

A música, monólogos ou diálogos da vida real guiados a melodias, assim como qualquer forma de comunicação estão em uma posição de diferentes absorções e pontos de vista. Desde pequena eu ouvia que “a arte é subjetiva”, mas geralmente isso estava atrelado ao fato de eu ter apresentado uma música que meus amigos não gostaram muito. O que seria essa subjetividade, então?

“A subjetividade não implica uma posse, mas uma produção incessante que acontece a partir dos encontros que vivemos com o outro. Nesse caso, o outro pode ser compreendido como o outro social, mas também como a natureza, os acontecimentos, as invenções, enfim, aquilo que produz efeitos nos corpos e nas maneiras de viver”. (Mansano, 2009, p.111)

A “(. . .) subjetividade não é passível de totalização ou de centralização no indivíduo” (Guattari & Rolnik, 1996, p. 31). É variável. Uma mesma canção chega de um jeito para mim, de outro jeito para a fulana, e de outro para a ciclana, mas em nenhum momento deixou de ser a mesma canção. Isso não se resume só a letra dessa canção, mas a melodia também.

Ritmo e poesia: RAP. O gênero musical das trilhas sonoras que eu citei anteriormente. Que a parte da poesia, o diálogo, pode trazer diversas interpretações, a gente sabe. Mas o ritmo, a melodia, também é capaz de despertar diferentes significados dependendo dos contextos sociais dos ouvidos que os ouvem.”Dialógico e comunitário, o pensamento não tem como separar semiose e comunicação. Essa impossibilidade, porém, implica que se reconheça em toda semiose, seu caráter triádico, interpretativo. Jamais o pensamento irá se impor a uma mente, sem que essa caiba interpretá-lo” (Silveira, 2001, p.79).

O ritmo também é comunicação, e atrelado à letra, é inegável o diálogo, mas ele por si só também fala. Eu amo descobrir samples, pesquisar de onde vem, tentar interpretar ou estudar as razões para que o artista tenha escolhido aquele trecho de uma outra canção para atribuir um novo significado. Babylon By Gus, do Black Alien, foi lançada em 2004. O sample utilizado é uma composição do Johann Sebastian Bach, de 1730. Se eu ouço a canção de Bach, imediatamente me vem o “*Minha voz é um instrumento, que dá sustento; Ao microfone o espírito dos novos tempos*”, primeiro verso da música do rapper de Niterói. É evidente que alguém que não conhece Babylon By Gus, não tem essa mesma referência ao ouvir a melodia, o que novamente prova o ponto de que um mesmo signo pode gerar diferentes significados para cada sujeito. Ainda mais quando a gente considera o contexto quase que oposto de uma música clássica do século XVIII e um rap do início dos anos 2000. Um contexto que representava a elite, e o outro que já nasce marginalizado. Inclusive nos traz de volta aquela discussão sobre a forma de manipulação da mídia pela grande burguesia. Quando a mesma melodia referencia a alta cultura europeia ao mesmo tempo que referencia as periferias brasileiras, o que muda? É só o contexto histórico, ou a forma como a arte é disseminada também exerce influência nisso?

O poder do realismo capitalista deriva, em parte, da maneira pela qual ele resume e consome toda a história anterior. Trata-se de um efeito de seu "sistema de equivalência geral", capaz de transformar todos os objetos da cultura - quer sejam iconografia religiosa, pornografia ou O Capital de Karl Marx - em valor monetário. (Fisher, 2009, p.12)

Tudo depende do quanto rende. Anteriormente neste trabalho, comentei sobre os interesses da burguesia em relação ao que deve ou não ter seu acesso democratizado, melhor dizendo, o que é de interesse da classe dominante que seja acessado pela classe dominada. Aqui eu volto em um ponto muito importante: é essencial que o pobre ouça sobre a sua realidade, senão a utopia vendida, a ideia de meritocracia, ou a alienação, vence, e o realismo capitalista continua sendo essa presença fantasmagórica, sombria e nebulosa que assombra sutilmente (ou não) toda e qualquer sociedade moderna.

3. Uma frase muda o fim do filme.

*Tem dias que eu acho tudo inútil
Nossa melhor versão é puro ego, fútil
Uma luta contra o mundo
Pra fazer parte do mundo que cê luta contra
O quanto é tudo (fake) vulto*

O vulto de uma mentira que vai nos assombrar por toda a eternidade. Lutar contra um mundo para fazer parte de tudo o que você luta contra. No final, o que o capitalismo nos propõe como alternativa para o sentimento de não pertencimento, parece ser, aceitá-lo. Aquele que não se incomoda, se adapta. É como uma neblina, um vapor, uma presença fantasmagórica que realmente te persegue por onde quer que você vá, até o momento que você faz amizade com esse fantasma e aprende a enxergar através da névoa.

Quando Don L faz referência ao vapor, no seu primeiro álbum Caro Vapor, penso em Gal Costa, e o seu “Vapor Barato”. Isso me faz pensar em Terra Estrangeira, o filme de 1995, dirigido por Walter Salles e estrelado por Fernanda Torres.

Figura 3: Terra Estrangeira (1995)



Fonte: Google Images

O drama acompanha a história de Paco (Fernando Alves Pinto), um jovem brasileiro que, após a morte da mãe, decide sair do Brasil em busca de uma nova vida. O filme se passa nos anos 1990, em meio à crise econômica causada pelo Plano Collor. Sem perspectivas, Paco aceita levar um pacote suspeito para Lisboa a mando de um contrabandista. Lá, ele se envolve com Alex (Fernanda Torres), uma brasileira que luta para sobreviver na Europa junto com seu namorado Miguel. Quando as coisas saem do controle, Paco e Alex se veem fugindo juntos, tentando encontrar um sentido para suas vidas em uma terra estrangeira. Vapor Barato é a trilha sonora da fuga. Alex a canta, enquanto dirige o carro com Paco em seu colo, sangrando e vendo seu sonho ir embora. Lembro que meu pai já comentou sobre essa época. No filme, a mãe de Paco morre do coração após descobrir através da televisão que todas as suas finanças, anos de economia, foram confiscados pelo governo Collor. Meu pai não teve nada confiscado pois cuidando dos meus três irmãos mais velhos, acho que já não sobrava nada para poupar, era tudo contado, mas ele já falou sobre o pessoal que recorreu até ao autoextermínio por causa desse projeto. A mãe de Paco, dona Manuela, guardava o dinheiro para retornar à sua cidade natal, San Sebastián, na Espanha. Faltava pouco para ela conseguir. Mais um sonho interrompido pelas consequências do capitalismo tardio, assim como Carlito Brigante, que morreu a um passo do trem que o levaria mais próximo de seu sonho. Como acreditar que há outra alternativa para um sistema que interrompe sua viagem quando você tenta superá-lo?

Uns dois anos atrás eu saí para comer com uma amiga e os amigos de infância dela. Já fiquei ansiosa quando disseram que queriam ir a um restaurante conhecido por ser caro aqui em Ouro Preto. Nunca tinha ido lá, mas tentaram me tranquilizar falando que dividiríamos uma pizza. Na mesa, enquanto esperávamos a pizza, eles entraram em um papo nostálgico sobre as experiências deles nos intercâmbios que fizeram. Os quatro tinham ido para a Europa estudar no ensino médio. Compartilhavam suas memórias dos pontos turísticos da França, Itália e Inglaterra. Eu não tive nenhum ponto para complementar a conversa, fiquei calada, ouvindo, lembro que meus olhos até marejaram. Meus pais são muito católicos e eu sempre ouvi deles que a inveja é um pecado terrível. Foi a primeira vez na minha vida que eu experimentei desse sentimento. Foi estranho, ruim. Como pessoas da mesma idade que eu, sentados na mesma mesa, dividindo a mesma refeição, já foram para tantos países e fizeram tantas viagens? Eu até então nunca tinha nem entrado em um aeroporto.

Acho engraçado como é ser a classe dominada na situação de descobrir nossos gostos. Quando nos perguntam sobre os nossos hobbies, por exemplo. “Você gosta de viajar?” É claro que eu gosto! Mas só fui para Guarapari e Nova Viçosa. É comum no capitalismo termos a ideia mas não a experiência, por que eu sei tudo sobre a Torre Eiffel se não posso visitá-la? Eu poderia ter entrado na conversa com os amigos da minha amiga, e compartilhado minhas curiosidades sobre os países, mas esse dia eu tava mais introspectiva. Poxa, foi difícil pagar pela pizza e eu já tava pilhando nisso, imagina quando me dei conta de que não estava no mesmo nível social e cultural das pessoas que dividiram a conta comigo. Hoje

penso que naquele dia, se já tivesse assistido a Terra Estrangeira, pensaria que a única forma de sair do país seria como Alex, Paco e Miguel fizeram. Ao som de “Vapor Barato” ou “Caro Vapor”.

3.1 Volto Porque Te Amo

“Roteiro para Aïnouz”. A trilogia regressiva do rapper Don L, atualmente possui dois volumes. O volume 3 foi lançado em 2017 e o volume 2 em 2021. Me perguntava o motivo desse nome na primeira vez que ouvi. Karim Aïnouz é conterrâneo de Don, e dirigiu filmes renomados como Madame Satã e O Céu de Suely. Obras que retratam a vivência de minorias sociais e abordam temas muito relevantes no que diz respeito à construção ou retomada do que poderíamos considerar “uma vida melhor”.

O filme O Céu de Suely, por exemplo, traz a história de Hermila, uma jovem que retorna à sua cidade natal, Iguatu, no sertão do Ceará, após tentar construir uma vida melhor em São Paulo. Ela volta com seu filho pequeno e a esperança de reencontrar o marido, que deveria segui-la, mas nunca aparece. Diante do abandono e da falta de perspectivas, Hermila decide recomeçar a vida longe dali. Para conseguir dinheiro, ela decide assumir uma nova identidade, a Suely, e cria uma ideia ousada: rifar "uma noite no paraíso", ou seja, uma noite com ela mesma.

Madame Satã fala sobre João Francisco dos Santos, um artista boêmio que é uma figura famosa dos anos 1930 no Rio de Janeiro. Negro, ex-presidiário e homossexual, ele desafia as normas da sociedade da época enquanto sonha em se tornar um grande artista e criar sua persona extravagante, Madame Satã. O filme acompanha sua vida nas ruas da Lapa, mostrando seus conflitos com a polícia, seus amigos e amantes, além de sua luta por liberdade e auto expressão. Há algo muito presente em ambos os filmes: realidade. Eu acredito que seja por isso que Don L dedica suas letras ao que poderiam ser roteiros para o cineasta, pois ambos flertam com a possibilidade de expressar, exaltar e condenar a realidade em suas respectivas obras midiáticas e culturais.

Na música ou no audiovisual, é inegável a capacidade de exercício de impressão da sociedade. As letras de Don ou os roteiros de Aïnouz expressam retratos de personagens marginalizados ou inconformados. Representações importantíssimas para se entender recortes sociais que não possuem tanto espaço de visibilidade dentro da mídia.

Oh, sim, eu estou tão cansado

Mas não pra dizer

Que eu 'to indo embora

Talvez eu volte

Um dia eu volto (quem sabe)

Mas eu preciso esquecê-la (eu preciso)

Vapor Barato; Gal Costa (Jards Macalé e Waly

Salomão)

Um dia eu volto. Em *Viajo porque Preciso, Volto porque Te Amo* (2009), Karim Aïnouz traz a trajetória de José Renato, um geólogo de 35 anos enviado ao sertão nordestino para estudar o solo para a construção de um canal. Enquanto viaja, ele narra suas observações sobre a paisagem e as pessoas que encontra, mas, aos poucos, sua voz revela uma angústia mais profunda: ele está lidando com a dor do fim de um relacionamento. A viagem se transforma em uma metáfora para sua solidão e tentativa de compreender sua própria vida.

O homem constrói a si ao mesmo tempo em que constrói o espaço. A imagem do espaço reflete o homem. E tal espaço desemboca em outras categorias sensíveis da Geografia, que podem ser recriadas a partir de paisagens imaginárias, territórios oníricos, lugares do devaneio, ambientes da poesia. (Amaro, 2013, p.23)

A viagem pode significar tantas coisas. O sonho de uma nova história, o retorno para uma antiga. Perder-se em devaneios ou encontrar-se consigo mesmo. Construir uma nova trilha ou tomar de volta um caminho certo. A viagem pode significar a oportunidade de imaginar, construir e enxergar um mundo novo, desprendido de ideias envoltas de uma sociedade que não se distribui de forma democrática, isto é, em todos os âmbitos.

Expressar a concepção de um cenário que supera o que a burguesia define como bonito, ou seja, retrata a sociedade na sua forma mais pura, ainda assim, estética, é definitivamente facilitar o desenvolvimento de uma trilha para a compreensão da nossa realidade, ainda que propondo uma maneira de reconstruí-la de forma mais justa. A viagem pode ser o caminho para que a própria trajetória seja o destino final de um mundo ideal. No filme, temos a sensação de que, ao final da jornada, não há respostas fáceis, apenas a constatação de que algumas ausências são impossíveis de preencher. “O realismo capitalista apresenta a si mesmo como um escudo que nos protege dos perigos resultantes de acreditar demais” (Fisher, 2009, p.13).

Roteiro pra Aïnouz, vol 3 nos revela um mundo orientado por uma temporalidade que está próxima aos filmes do diretor cearense, Karim Aïnouz. Lembramos das cenas finais de *Viajo porque preciso, volto porque te amo* (2009), de Marcelo Gomes e Aïnouz, onde acompanhamos o geólogo José Renato que depois de percorrer uma viagem inteira de trabalho para a alteração do curso de um rio, sentimos transfigurados, o personagem-narrador e o espaço, em mudança. (Santiago, 2021, p.27)

3.2 Trilha pra uma Nova Trilha

Se fosse pra viver por isso

Eu não teria a bem dizer morrido pelo que acredito

Eu continuo na disposição primo

Se for pra nós viver por isso

Eu prefiro morrer pelo que eu acredito

Trilha para uma Nova Trilha - Don L

Ainda no filme de Aïnouz, há a tensão atmosférica que pode dar origem a vários signos, assim como nas letras de Don. A sensação de uma melancolia, talvez uma insatisfação, persegue as obras de ambos. Ainda que haja uma atmosfera muito sensorial também, sensível, em “Trilha para uma Nova Trilha” Don L fala sobre o fim de uma jornada. Ele dá a entender que o eu lírico morreu, lutando pelos seus ideais. Durante todo o álbum (RPA2), ele narra uma trajetória de cenário paralelo à realidade, onde a história se desenvolveu de uma forma diferente, mais justa. É basicamente a proposta de uma forma de superação ao sistema capitalista. É a imaginação do fim do capitalismo, antes do fim do mundo, mesmo que se refira a períodos da história que antecedem o contemporâneo. Segundo Žižek:

Ser "esperto" significa ser dinâmico e nômade, é ser contra a burocracia centralizada; é acreditar no diálogo e na cooperação, contra a autoridade central; na flexibilidade contra a rotina; na cultura e no conhecimento contra a produção industrial; na interação espontânea e na autopoiese contra a hierarquia fixa (apud Fisher, 2009, p. 51).

O rapper propõe, não só através dessa canção, mas durante todo o álbum, a esperteza necessária para romper a hierarquia fixa da classe dominante no topo da organização. É uma reconstrução histórica que destroi a pirâmide social nos moldes que conhecemos e vivemos. Quando analisamos os trabalhos anteriores de Don, podemos perceber que mesmo o Roteiro Para Aïnouz, Vol.3, que é o antecessor do álbum que traz a track que dá o título deste capítulo, não possui esse “otimismo” velado de cenário pós revolucionário. Digo otimismo entre aspas pois não podemos esquecer que o eu lírico morreu, mas morreu feliz por ser pelo que ele se dedicou. As obras anteriores são mais densas, mais agressivas, mais inconformadas.

Sendo assim, temos dois pontos, que acredito dizerem tanto sobre Don quanto Aïnouz: Há denúncia e esperança, talvez não coexistentes, mas inegavelmente representativas no que diz respeito a desenhar e propor alternativas ao mundo que somos condenados a viver. Algumas vezes de forma mais realista, e outras mais positiva, e, em todos os casos, o cuidado estético nunca é abandonado. Há muita beleza e identidade nas obras. Particularmente penso que o RPA3 seria o roteiro ideal para o diretor cearense. Há essa atmosfera que eu falei, vaporosa, de uma forma ainda mais evidente que no Caro Vapor, que carrega

isso no nome. Em algumas tracks, como “Cocaína” eu consigo quase que enxergar as ruas de São Paulo neblinadas pela fumaça dos cigarros de filtro sujos com batom barato e o fantasma de Belchior. Imagino as luzes que nunca se apagam, iluminando os reflexos do sereno repousando nos carros. As pupilas dilatadas e o barulho das batidas aceleradas do coração “intoxicado”.

Imagino como Aïnouz faria a representação audiovisual dessa música. Talvez um casal, jovem, em uma viagem para novas oportunidades na terra da garoa. Eles se deslumbram com a grandeza de uma metrópole e todos os pecados que se tornam tão acessíveis em um local onde, como diria Criolo, o amor não existe. Após inúmeras tentativas de prestígio, com a ideia tão comumente disseminada de que seria mais fácil em São Paulo por haver mais oportunidades e por ser “a cidade que não dorme”. Inclusive ouvimos muito esse discurso nas bocas dos *coachs* (consequências ingratas do capitalismo tardio) “trabalhe enquanto eles dormem” sem considerar as pessoas que acordam às 4h da madrugada, passam duas horas em um ônibus, mais duas em outro, para estarem no trabalho às 8h, saírem às 18h, e com sorte, estarem na cama às 23h. As “oportunidades” que o capitalismo nos vende são mais projetos de condenação à venda de mão de obra desvalorizada. Voltando para o casal hipotético, do roteiro hipotético de Aïnouz para a canção de Don, após perceberem que não é tão fácil assim como acreditavam, se rendem à vida boêmia, na qual é muito mais simples viver “como Belchior” dando calotes em motéis de luxo e protagonizando sex-tapes no PornTube. A presença fantasmagórica do capitalismo tardio os torna vítimas de seu próprio destino, que é o mesmo de milhões de jovens que sonham com uma vida melhor, como Paco e Alex de Terra Estrangeira, ou Carlito de Carlito 's Way.

Por falar em Carlito 's Way, Don o cita nessa canção.

Eu tava fora tipo Carlito's Way

Ela reativou o elétrico

Mudando um fim de filme tão clássico

E se sentindo noutra tão épico

Estar fora, tipo Carlito 's Way, o que poderia significar? Carlito queria se livrar da vida do crime, o verso então poderia se referir a estar longe desse tipo de vivência, e ao retorno em seguida, o que justifica “mudar o fim de um filme tão clássico”. Talvez a vida do crime, na canção, seja uma metáfora para a droga que dá o nome à música. “Reativar o elétrico”, e em alguns versos anteriores, há uma descrição sensorial explícita, que poderia se referir a uma recaída. Tanto para a vida do crime, ou um vício químico. Quem sabe vícios em sensações derivadas de reações químicas cerebrais, como a adrenalina de estar fora da lei, apenas. Ou então, a adrenalina de estar perdido no meio de um sistema que define cada passo que é dado. O medo de ter que entregar a qualquer vício que seja. Em uma conversa que eu tive com o rapper, ele afirmou “Tem muitas interpretações possíveis relacionada a essa trama de um cara que tem um sonho de sair do crime e ir morar em outro lugar mas ao mesmo tempo

precisa do crime para atingir o objetivo de sair do crime.”

Então, a “Trilha pra uma Nova Trilha”, ou, morrer pelo que se acredita, é quase o que aconteceu com Carlito Brigante, exceto pelo fato de que, o que ele acreditava e almejava, estava a pouco de ser conquistado. Se ele ao menos tivesse morrido dentro do trem, mas nem isso ele conseguiu. Acho essa sequência muito simbólica. O capitalismo nos faz ter objetivos, nos faz crer que se trabalharmos o bastante, conseguimos chegar ao nosso destino tão almejado, mas não se pode acreditar demais, pois no momento em que o sonho parece próximo, novos objetivos nos serão propostos, e a ambição por mais sempre virá, ao contrário do pote de ouro no fim do arco-íris, ou seja, a realização do sonho. “O ‘realismo’ aqui é análogo à perspectiva deflacionária de um depressivo, que acredita que qualquer estado positivo, qualquer esperança, é uma perigosa ilusão” (Fisher, 2009, p.14), isto é, queira, mas o quanto lhe cabe. Quanto mais se sonha alto, pior é a queda. Se quiser demais o capitalismo te derruba, ou te propõe novos objetivos inalcançáveis.

Sendo assim, “Trilha pra uma Nova Trilha” e “Viajo porque Preciso, Volto porque Te Amo” são exemplos de obras que ligam os dois autores. Ambas falam sobre trajetórias, caminhos, destinos e viagens. Permeadas por um ar melancólico, em um caso, pelo fim de uma vida dedicada à luta, noutro, o fim de um relacionamento.

O ímpeto de partir ou ter de abandonar o que se era para se regenerar é algo que povoa tanto a música de Don L quanto o cinema de Aïnouz. A dança dos gestos das pessoas e das paisagens aqui presentes compõem uma sentimentalidade melancólica, mas que acumula um desejo latente de mudança. (Santiago, 2021, p. 102)

Então, na mudança, seja para a construção de um novo mundo, para a fuga de um coração partido, ou da libertação de uma vida bandida, há um fantasma melancólico e cruel assombrando todos os sonhos e trajetórias. Talvez seja impossível se livrar dele. Mas é importante tentar, e é através da arte de Don, Aïnouz, Brian De Palma, Walter Salles, e todos os outros artistas, autores, músicos, escritores, e produtores culturais que eu citei neste trabalho que acredito termos uma chance de imaginar e criar um mundo novo. Imaginar o fim do mundo é realmente mais fácil que imaginar o fim do capitalismo, mas enquanto tivermos as ferramentas necessárias para expressar através da arte as possibilidades que existem quando se supera esse sistema, ainda haverá a esperança de capturar o fantasma e libertar os sonhos.

3.3 A Primavera

A sexta faixa do Roteiro Pra Aïnouz, Vol. 2 é “Primavera”. Referenciando Carlos Marighella e Che Guevara, a canção fala sobre a luta pela reconstrução. Reflorestar: Refazer uma floresta. Reconstituir a vida que terminou. A metáfora da floresta, que nem é tão metáfora assim, serve para

pensarmos em toda vida que já acabou por causa de um sistema que ceifa árvores, inclusive as genealógicas.

*Na luta pra ninguém silenciar nossa voz
 Voltamos a falar dos sonhos pelas manhãs
 A nossa terra fértil foi vencendo o concreto
 O nosso reflorestamento erguendo-se em fé*

Acho que esse trecho toca exatamente no ponto que citei, sobre a importância de tentarmos imaginar um mundo novo, para que possamos conquistá-lo. Falar sobre os nossos sonhos, já é parte da luta para que eles não sejam silenciados.

O neoliberalismo consolidou o descrédito do socialismo estatal, assentando uma visão da história na qual se apropriava do futuro e relegava a esquerda à obsolescência. A estratégia capturou o descontentamento com o esquerdismo burocrático centralizado, absorvendo e metabolizando com sucesso os desejos de liberdade e autonomia. (Fisher, 2009, p.143)

É aquela história de que o capitalismo vai nos fazer acreditar que a esperança pode ser perigosa, que eu citei anteriormente. Ele se apropria dos nossos desejos para evitar nosso impulsionamento, pois motivados podemos superá-los, então no fim, a esperança não é perigosa para nós, como o sistema quer nos fazer crer, mas sim para ele mesmo. É o que Don L nos fala inclusive, na faixa seguinte à “Primavera”, “Pela Boca”: *“E dizem que somos perigosos; Eles que mataram; escravizaram, torturaram na cela; E confinaram na favela (milhões nossos); Depois querem recontar a história; E me negar os fatos”*. A partir do momento em que são eles os detentores da informação, torna-se quase que impossível desmentir o que quer que seja, mas é importante recuperarmos o domínio da nossa própria história para que ela seja fiel a nós mesmos. De volta à Primavera, *“Eu que sou de guerra/ Dei o sangue na missão/ De regar a terra”*, é novamente uma referência a morrer pelo que se acredita, como em “Trilha pra uma Nova Trilha”. Acho que Primavera é uma trilha ainda melhor para uma nova trilha. Diferentemente dos álbuns anteriores, RPA3 e Caro Vapor, o RPA2 possui uma pegada muito mais categórica, que acredito de fato ser a trilha perfeita para inspirar a conquista de um mundo mais justo. *“Uns metem milhão porque tem muito/ Quem tem só o pescoço põe à prova”* esse trecho da décima segunda faixa do álbum, “Bingo”, traz a ideia de que quando não se tem muito a perder, não há muito o que temer. E isso é algo que Don havia dito antes, no seu primeiro álbum, *“Ter tudo é liberdade/ Não ter nada é também”* e é exatamente isso que eu julgo necessário para podermos nos livrar da falsa esperança instaurada pelo capitalismo, que precede uma desilusão também prevista por esse sistema.

Com isso, percebe-se um padrão, que se relaciona muito com o que Don me contou sobre “Carlito’s Way”: “[...] precisa do crime para atingir o objetivo de sair do crime”, ou seja, a nossa ruína pode se apresentar como salvação dentro de um sistema que projeta crises. Nos veremos condenados a padrões repetitivos e autodestrutivos pois somos ensinados a pensar nas únicas saídas que nos são

propositalmente propostas. E isso em todos os âmbitos da vivência em sociedade.

“O ‘realismo capitalista’ pode ser descrito como a crença de que não há alternativa ao capitalismo. Entretanto, isso não se manifesta normalmente em reivindicações grandiosas sobre economia política, mas em comportamentos e expectativas mais banais, tais como nossa fatigada aceitação de que os salários e as condições (de vida e trabalho) vão se estagnar ou deteriorar. (Fisher, 2009, p.143)

Está em tudo. É mesmo um fantasma. Não é só na grandeza do domínio governamental dos países de primeiro mundo, mas na crença de que o nosso salário é justo, mesmo que as horas extras não sejam devidamente recompensadas, afinal, é melhor que não ter emprego nenhum.

Por que a esquerda tem feito tão pouco progresso, cinco anos após uma grande crise do capitalismo ter desacreditado o neo-liberalismo? Desde 2008, o neoliberalismo pode ter perdido o febril impulso para a frente que um dia possuiu, mas está longe de colapsar. Segue agora cambaleando como um zumbi - mas como os fãs de filmes de zumbis sabem muito bem, às vezes é mais difícil matar um zumbi do que uma pessoa viva. (Fisher, 2009, p.142)

Frequentemente, percebo pessoas defendendo o capitalismo com o argumento de que é o único sistema que funciona. Em 2022, 33,1 milhões de pessoas no Brasil enfrentavam insegurança alimentar e nutricional grave, ou seja, passavam fome. Isso no nosso país. Provavelmente no meu bairro, há alguém em situação de vulnerabilidade social, eu não preciso ir longe. Século XXI, e um sistema que promete ser fornecedor de uma vida melhor há pelo menos dois séculos, ainda existirem pessoas em situação de fome, mostra que a prioridade não é fornecer uma vida melhor, pelo menos não para todos, mas, sim, para uma pequena parcela da sociedade que detém os meios de produção, e não só isso, o controle das ferramentas que serviriam para nos conscientizar sobre as falhas do capitalismo.

Quando Don L canta em Primavera: “*A guerra que nos reaproximou de nós/ É a mesma que me pôs a repensar meus sonhos/ O quanto neles era só publicidade?/ Fazendo acreditar que eram meus próprios planos*”, resgatamos a ideia de que nossos sonhos estão milimetricamente calculados para se encaixarem dentro do que não pode se tornar uma ameaça ao sistema, fazendo-nos crer que sonhar demais é imprudente. Além disso, o questionamento dos sonhos que podem ter sido implementados como desejos genuínos mas na verdade vêm da publicidade gerada pela ideologia burguesa. É tão frustrante ter dimensão de que nem nossas próprias vontades vêm de dentro. Sem contar que é impossível matar o que já está morto, ou seja, as crises são planos, e como diria o mestre Chico Science, “O de cima sobe e o de baixo desce”, sempre.

As tecnologias ancestrais nós temos

Pra induzir o sonho dentro de um pesadelo

Entre um traçante e outro

Dilatar o tempo e imaginar um mundo novo

[..]

A única luta que se perde é a que se abandona e nós nunca

Nunca abandonamos luta

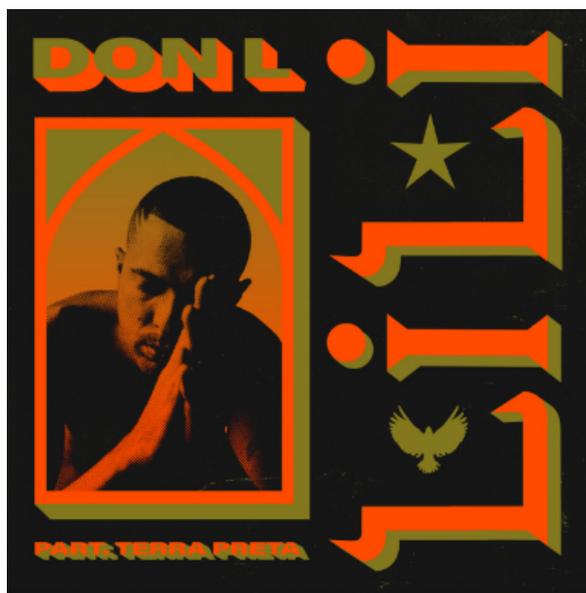
Nunca, nunca

Hay que endurecer sem nunca sem nunca perder a ternura

É aqui, que essa canção me ganha como a mais bonita não só do álbum, mas dentre muitas que já ouvi em minha curta vida como amante assídua de música. Nós temos o que é necessário para conseguirmos ao menos refletir um mundo ideal, e precisamos entender que enquanto tivermos a coragem de racionalizar nossas vivências através do pensamento crítico, estamos um passo mais próximos da vitória, isso sem perder o amor que nos dá a esperança. Perder a guerra seria desistir da ideia e do sentimento, fatores cruciais para a concretização de um mundo mais justo. É muito sobre enxergarmos em nós mesmos e no próximo o que é necessário para se viver com dignidade. Educação, saúde, comida, casa e lazer não são nenhum privilégio, por mais que os nossos patrões queiram nos fazer acreditar que sim. A Primavera, ou seja, o reflorestamento, vai se dando aos poucos, quando começamos replantando a semente da árvore que morreu em nós mesmos.

Epílogo: Lili e o Sonho de Liberdade

Figura 4: Capa do single Lili (2023)



Fonte: Genius, 2023.

Depois do RPA2, um dos lançamentos mais recentes do Don L, foi “Lili”, um “apelido carinhoso” para liberdade. Liberdade é uma palavra muito forte, na minha concepção. Sempre pensei que me sentiria livre após sair da casa dos meus pais. Eu não pensava em fazer faculdade longe de casa pois sabia que seria muito complicado para os meus pais me ajudarem financeiramente. Parar em Ouro Preto foi uma grande ironia do destino.

Quando fui aprovada, não me senti muito feliz, pelo contrário, senti medo. Senti saudades antecipadas de jantar com meus irmãos e em seguida assistir a um episódio de qualquer série das diversas que ficávamos periodicamente viciados juntos. Saudades antecipadas das caronas com o meu irmão, Pedro, ouvindo algum álbum britânico dos anos 1990. Pensei nos momentos que perderia ao lado da minha irmã, Laura, na época adolescente. Será que ela ainda me falaria sobre o primeiro beijo se eu estivesse longe? Pensei nas guloseimas que a minha irmã mais velha, Debinha, comprava aos finais de semana, e o cuidado que ela tinha ao lembrar de mim com algo sem lactose. Lembrei do meu irmão, Arthur, e suas caixas de som barulhentas que me irritavam quando ele estava montando algum set novo. Pensei na sensação de acordar bem cedo para ir ao banheiro no domingo de manhã e encontrar o meu pai, Maurinho, assistindo à missa no canal da TV Aparecida. Pensei na minha mãe, Bárbara, cozinhando o almoço enquanto falava o nome de todos os atores e o diretor do último filme que ela assistiu na tela minúscula do celular. Assim como ela citava o nome dos atores, eu faço questão de citar o nome dela e de todos da minha família neste trabalho. Eu sou a primeira da família a me graduar na universidade, quero usar deste espaço para honrá-los.

Viajei em milhões de pensamentos e fui longe. A vida era muito gostosa e eu era muito feliz, mesmo acordando às 5h45 da manhã para atravessar a cidade indo para a escola que eu tinha conseguido

uma bolsa no ensino fundamental. Lembro de os meus pais discutirem em relação a isso, mesmo com a bolsa íamos ficar meio apertados. Fico grata por terem investido nisso, foi lá que descobri minha paixão pela escrita. Nesse caminho para a escola, eu também ouvia Tame Impala com o Pedro e esse era o meu momento favorito do dia.

Fiquei saudosa de imediato, mas não era essa a sensação mais forte. Morria de medo de frustrá-los. Lembro que fiquei até com medo de contar da aprovação. Eu sabia que ia passar, mas a frustração viria por saber que, no fundo, cortaria o coração deles pensar que não poderiam me ajudar com dinheiro da forma que gostariam. Fizem das tripas coração, disseram que iam fazer o máximo para que eu pudesse realizar esse sonho. Minha mãe me levou na Rua Primeiro de Junho em Divinópolis para comprarmos roupa de cama e meias novas. Na mesma rua havia uma unidade da Caixa Econômica, encontramos meu pai saindo de lá, com um comprovante de transferência. Do dinheiro do acerto da aposentadoria dele, que demorou quatro anos para sair, ele me mandou 800 reais. Eu sabia que aquilo era muito dinheiro e meus olhos marejaram, pois eu pensei na quantidade de coisas que poderiam ser compradas para toda a família com aquele dinheiro. Agradei e fiz aquele dinheiro render por seis meses.

Meu irmão me trouxe, no meio de 2021, ainda na pandemia. Passei a noite toda chorando, com saudade e medo ecoando em meu coração. A sensação durou dois dias, não tinha tempo para isso, precisava de um lugar para morar. Após me estabelecer, através de muito esforço mental e até físico extraídos para viver em uma república federal e não ter que pagar o aluguel, consegui o meu primeiro estágio, mais ou menos quatro meses depois de chegar. Era ótimo, era em Mariana e eu teria como ir para a aula sem gastar pois ganharia vale-transporte. Eu tinha que trabalhar nos finais de semana, pelo menos uma vez no mês, isso me impediu de ver a minha família algumas vezes. No meu primeiro ano aqui, passei a virada do ano longe deles, isso nunca tinha acontecido nos meus 19 anos de vida. Ouvi alguns poucos fogos do meu quarto, meu choro os abafou. Eu ganhava 650 reais e pagava cerca de R\$300 nas contas de casa. Não sobrava muito para lazer, mas pelo menos a minha mãe me levava nas Lojas Rede quando eu voltava à Divinópolis para comprar desodorante, shampoo e absorvente no cartão dela, dava uma aliviada. Foi mais ou menos nessa época que percebi que a liberdade que eu achava que ia ter, não seria agora.

Em 2023 troquei de estágio, esse era home office e eu ganhava 500 reais. As contas ainda eram R\$300, mas conseguia me dedicar mais ao curso trabalhando de casa. Inclusive, nessa época eu me tornei bolsista em um projeto de extensão que falava sobre as políticas de permanência na universidade. Como pode ser público um lugar que não é de acesso a todos? E por mais que seja acessada, se manter nela é ainda mais difícil! Foi um momento muito importante para o meu despertar social. Eu sempre fui ligada à política, mas nessa época, me radicalizei. Me tornei militante do Movimento por uma Universidade Popular, e entendi que todas as minhas dificuldades poderiam ser ainda mais intensas para outras pessoas. Eu já militava na UJC, e, através da organização, fui ao Rio de Janeiro pela primeira vez, na Bienal da UNE. Dormi quatro noites com mais duas pessoas em uma barraca dentro de uma escola na

Tijuca. Esse momento foi crucial para eu ter dimensão do poder da juventude e a força do estudante.

Pouco tempo depois de voltarmos, a UFOP havia emitido um comunicado de que as moradias socioeconômicas passariam a pagar pelas contas de energia. Eu tinha conhecido pessoas das moradias que precisavam dividir um único chuveiro para 20 pessoas pois a universidade não conseguia fazer a manutenção devida desses locais. Pensei em como eles haviam saído de suas respectivas cidades com o sonho de liberdade e se viam em posição de risco para conseguir se manter na universidade com problemas “pequenos” que afetam o cotidiano de uma forma tão direta e até violenta. São pessoas que recebem em média R\$300 para todas as suas despesas, como conseguiriam continuar se tivessem que pagar uma conta que com certeza não seria barata, considerando a quantidade de pessoas? De novo, pensei em como a liberdade parecia um conceito meio utópico.

Nós ocupamos a reitoria da universidade por uma noite, e a decisão foi revogada. Foi a primeira vez que experimentei a sensação prazerosa de ter a voz ouvida quando se grita contra uma medida alinhada ao que luta-se contra. Agora já havia entendido que a liberdade era realmente um desejo utópico, e conquistar o que acreditava ser justo exigiria muita força.

Ouvi Lili com outros ouvidos e enxerguei a liberdade com outros olhos enquanto desenvolvia este trabalho. Conforme ia superando as fases da minha vida, e atingia os lugares que almejava, percebi que sempre aparecia um objetivo novo. Isso tudo, com um peso nos meus ombros, que agora consigo identificar o que é: o encosto fantasmagórico do capitalismo. Estou cansada, neste exato momento, após um dia longo de trabalho fora da minha área de formação, pois por mais que eu queira, a formação já não é mais tanta garantia, me encontro relembrando uma trajetória que poderia ter sido definitivamente mais difícil, pois eu ainda tinha alguns direitos (que já acreditei serem privilégios) mais garantidos. Mas de alguma forma, sinto um pingo de liberdade se formando dentro de mim. Estou superando uma fase que nunca pensei que conseguiria. Aquele rolê de não acreditar demais para não me desiludir, sabe? Acho que agora acredito.

Chorei algumas vezes, pensando na minha própria viagem quando me dei conta de que sou mais uma que poderia ter minha trajetória descrita como uma viagem assombrada pelo fantasma do capitalismo. Sendo bem sincera, pensei que me sentiria mais frustrada. Ouvindo “Lili”, e percebendo que ainda tenho a minha esperança para me escorar, percebi que por mais que eu já tenha imaginado o fim do mundo algumas milhares de vezes, também consigo imaginar o fim do capitalismo. Isso por minha família, meus amigos, minha escola, meu cinema, minha música e minha arte. Não só minha, mas do mundo. De todos, por mais que o sistema tente impedir isso.

São muitas como a minha. Caminhos turbulentos, ou não, mas definitivamente poluídos com a névoa da incerteza. Eu realmente não consigo acreditar que esta viagem está chegando ao fim. Quero que “Lili” seja a trilha para a minha nova trilha. *“Liberdade há de florescer/ Paz é justiça, faz-se por merecer/ Livre, finalmente, finalmente, iêh/ Apenas se a gente de-, se a gente de-/ Se a gente decidir que vai ser”*. Decido que minha liberdade será inegociável a partir de agora. Foi um processo penoso até

entender que todas as vezes que senti medo e receio, o que causava isso era uma presença que vai me acompanhar até o fim da minha vida, ou até o fim da presença, isto é, com a companhia dela, onde quer que eu vá, eu consigo entender como acabar com ela. Tipo aquilo que o Don me falou sobre o Carlito Brigante precisar da vida do crime para sair da vida do crime. Hoje conheço o que passou uma vida inteira me causando mal estar e insatisfação, e é por isso que por mais que sugue todas as minhas energias, principalmente as positivas, não vou deixar de tentar imaginar um mundo novo, com a ajuda da música, do cinema e da arte como um todo. Eu gosto de escrever, e enquanto estiver viva farei questão de usar do que gosto, da minha própria arte, para contribuir na construção da ideia de um mundo melhor para meus pais, meus irmãos, meus amigos, meu companheiro, meus futuros filhos, meus futuros netos, e assim por diante. A música foi meus olhos para enxergar melhor o mundo ao meu redor, e continuará sendo uma ferramenta essencial para que além de compreendê-lo, eu possa refazê-lo, ou melhor, reflorestá-lo, com esperança e um sonho de liberdade, independentemente do que liberdade pode vir a significar.

Referências

24,4 milhões de pessoas saem da situação de fome no Brasil em 2023. Ministério do Desenvolvimento Social, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mds/pt-br/noticias-e-conteudos/desenvolvimento-social/noticias-desenvolvimento-social/24-4-milhoes-de-pessoas-saem-da-situacao-de-fome-no-brasil-em-2023>. Acesso em: 22 mar. 2025.

ABRAMOVAY, Mirian. *Gangues, galeras, chegados e rappers: Juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília*. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

CARLITO'S WAY (1993). Direção de Brian De Palma. Roteiro de David Koepp. Produzido por Martin Bregman. Estados Unidos: Universal Pictures, 1993.

CHAUI, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 2000.

FISHER, Mark. *Realismo capitalista: É mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo*. São Paulo: Autonomia Literária, 2009.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 9. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

FRITH, Simon. *Performing rites: On the value of popular music*. Cambridge: Harvard University Press, 1996.

GUILHERME, João. Rap: *A formação da juventude de periferia através das letras*. Brasília: UniCEUB, 2008. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/1256/2/20264523.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2025.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: Cartografias do desejo*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

MADAME SATÁ (2002). Direção de Karim Aïnouz. Roteiro de Karim Aïnouz, Luiz Carlos Lacerda. Produzido por Rodrigo Teixeira. Brasil: Dezenove Som e Imagens, 2002.

MANSANO, Sérgio Luiz. Produção de subjetividade e políticas da vida. São Paulo: Hucitec, 2009.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.

MOREIRA, Matheus Santiago. *Filho que sai da terra volta diferente: viagem e atmosfera nas canções de Fortaleza, de Cidadão Instigado, e Roteiro pra Aïnouz vol. 3, de Don L.* 2021. 143 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Ouro Preto, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Mariana, 2021.

O CÉU DE SUELY (2006). Direção de Karim Aïnouz. Roteiro de Karim Aïnouz, Lusa Silvestre. Produzido por Rodrigo Teixeira. Brasil: Dezenove Som e Imagens, 2006.

O EXPRESSO DO AMANHÃ (2013). Direção de Bong Joon-ho. Roteiro de Bong Joon-ho, Kelly Masterson. Produzido por Park Chan-wook, Lee Tae-hun, Bong Joon-ho. Estados Unidos, Coreia do Sul: CJ Entertainment, 2013.

SILVEIRA, Paulo. *A semiose triádica e a construção do sentido*. São Paulo: USP, 2001.

TERRA ESTRANGEIRA (1995). Direção de Walter Salles, Daniela Thomas. Roteiro de Walter Salles, Daniela Thomas. Produzido por Walter Salles. Brasil: VideoFilmes, 1995.

VIAJO PORQUE PRECISO, VOLTO PORQUE TE AMO (2009). Direção de Marcelo Gomes. Roteiro de Marcelo Gomes, Karim Aïnouz. Produzido por Rodrigo Teixeira. Brasil: Dezenove Som e Imagens, 2009.

VIANNA, Hermano. *O mundo funk carioca*. São Paulo: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2014.

ŽIŽEK, Slavoj. *Violência: Seis reflexões laterais*. São Paulo: Boitempo, 2014.

SULICÍDIO e seus reflexos para o rap nacional. Portal RND, [s.d.]. Disponível em: <https://portalrnd.com.br/sulicidio-e-seus-reflexos-para-o-rap-nacional/#:~:text=%E2%80%9CPara%20voc%C3%AA%20atingir%20os%20crentes,foi%20exatamente%20o%20que%20aconteceu.>

Acesso em: 22 mar. 2025.